

BOLETIM DE PESQUISA NELIC

Vº 10 - Nº 15

2010.2

Artigos

**Escavando e Recordando Olavo Bilac:
Resgate de textos esquecidos nas páginas dos periódicos**

Marta Eymael Garcia Scherer

DOI 10.5007/1984-784X.2010v10n15p74

Devo pedir-lhes que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia (...) Tenho a intenção de dar uma idéia sobre o relacionamento de um colecionador com seus pertences, uma idéia sobre a arte de colecionar mais do que sobre a coleção em si.¹

Com esse convite de Walter Benjamin, extraído do ensaio ‘Desempacotando minha biblioteca’, proponho neste artigo trazer questões mais práticas – ainda que sempre perpassadas por questionamentos teóricos – sobre o trabalho de recuperação de textos em prosa publicados por Olavo Bilac entre 1890 e 1908. O foco são as crônicas redigidas por aquele que ficou conhecido somente como o ‘príncipe dos poetas’, mas que escreveu em periódicos informativos e culturais. Os textos estão arquivados nas páginas dos jornais e revistas que a Biblioteca Nacional e o Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, felizmente abrigam. Como uma colecionadora de crônicas, busco nos textos de Olavo Bilac “renovar o mundo velho”.²

¹ Benjamin, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: **Obras Escolhidas II – Rua de mão única**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. p.227

² Idem, Ibidem. P.229

Com esse trabalho busco realçar a faceta jornalística de Olavo Bilac e dar luz a sua produção em crônica, superando os paradigmas estabelecidos em torno do autor e de sua obra, com objetivo de desconstruir a imagem de Bilac inscrita no cânone literário. Como explica Antonio Candido³, depois de ser quase um símbolo da virada de século, Bilac surpreende por ter sido idolatrado em vida, consagrado na morte e praticamente execrado no futuro, atingido pelo preconceito que os modernistas lançaram sobre quase tudo que os antecedia, o parnasianismo em particular. Assim, não se trata de trazer à tona um autor anônimo ou um repórter obscuro, mas de “pedir licença” ao poeta parnasiano para mostrar o jornalista Olavo Bilac e sua importância dentro da história da literatura e da imprensa nacional.

Para tanto, sigo os passos da monumental pesquisa realizada pelo professor Antonio Dimas, da USP, que organizou, recuperou, valorizou e trouxe à luz centenas de crônicas,

³ CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira. Modernismo – História e Antologia**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.377

resultando na antologia intitulada *Bilac, o Jornalista*⁴. Como comprovou Antonio Dimas, os mais variados temas foram analisados pelo intelectual que encontrou nos periódicos um caminho para expor suas impressões.

Nesses quase vinte anos de jornalismo diário, muitas vezes espalhado por mais de um veículo, seu posto privilegiado permitiu-lhe uma visão angular da sociedade, cujas frinchas e reentrâncias dificilmente escapavam ao seu olhar bisbilhoteiro e nem sempre certo. Ideologicamente irregulares como é de se esperar de quem não se pautava por um credo único, religioso ou político, as crônicas de Bilac pouco atraem aqueles que precisam de posições alheias para confirmar as suas. Mais que escora, elas se prestam ao investigador minucioso que esteja preocupado com uma visão mais abrangente de dado período. Porque, nelas, o material é farto.⁵

Foi através desse farto material, tão bem explicitado no longo sumário elaborado pelo professor, com aproximadamente 1600 resumos de crônicas lidas e catalogadas, que encontrei os textos que utilizo em minha dissertação e tese. Às 42 crônicas ‘inéditas’ utilizadas no mestrado uno agora outras 80, num

⁴ DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: ensaios; crônicas v.1; crônicas v.2. São Paulo: Imesp. 2006.

⁵ DIMAS, Antonio (Org.) . **Vossa Insolência**. Crônicas de O. Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.14

trabalho minucioso, paciente, interessante. Mais do que transcrever os artigos, é preciso seguir seus rastros, elucidar os enigmas que escondem e revelam, muitas vezes em um mesmo movimento. Decifrá-los talvez seja verbo mais acertado, já que entre os antigos rolos de microfilme e as precárias condições dos originais armazenados na Biblioteca Nacional, muitas vezes entender uma só frase foi um desafio.

Ao selecionar o material, optei por não fazer distinção entre os textos assinados com o nome próprio – Olavo Bilac ou as iniciais OB – e os diversos pseudônimos utilizados pelo cronista, tais como Arlequim, Fantasio, Puck, Otávio Bivar, Belial, Asmodeu, Lilith, Astarot, Olavo Oliveira, Phebo-apollo, o diabo coxo, flamínio, pe-ho, HYZ, B., Nemrod, Vitor Leal, entre outros⁶. Para tanto, me baseio em declarações como a de Brito Broca que, ao comentar a produção Bilac, afirmou que o escritor publicava seus textos “ora assinando o próprio nome, ora servindo-se de pseudônimos e iniciais em que quase ninguém deixava de identificá-lo”. A decisão se guia ainda pelas palavras do próprio cronista, que sempre repudiou as leis que vetavam o pseudônimo, considerando-as inclusive desnecessárias, já que

“o uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve. Todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio”⁷, como afirmou em um dos milhares de textos que publicou na imprensa diária.

Na pesquisa não são analisadas ou mesmo relacionadas as demais produções em prosa de Olavo Bilac que não sejam as crônicas publicadas em periódicos. Tampouco as poesias são consideradas, já que o objetivo é exatamente resgatar o jornalista Olavo Bilac, que permaneceu no ostracismo na história da literatura brasileira. A recuperação para o corpo literário do material que Olavo Bilac produziu para os periódicos é ainda pouco explorado e segue a tendência de revisão dos estudos literários, que torna os textos jornalísticos parte da multiplicidade da prática cultural. Nessa linha, não é mais possível separar a criação da produção literária ‘pura’ de jornalismo. O estudo das crônicas sugere uma revisão das divisões estabelecidas entre arte e não-arte, da divisão entre o protótipo da arte verdadeira como algo a ser consumido pela elite intelectual em detrimento do que parece ser inerente ao

⁶ LIMA, Alceu Amoroso. *Olavo Bilac – poesias*. Rio de Janeiro: Agir 2ª ed. 1959. p.6

⁷ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/07/1897 In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.240

cidadão comum. É sob essa ótica de rompimento com cânones diversos que leio os textos de Olavo Bilac, pois acredito que é necessário buscar outros ângulos e territórios para ampliar o horizonte de compreensão dos estudos literários.

Em consonância com Silviano Santiago, acredito ainda que “o valor de um objeto cultural depende também do sentido que se lhe dá a partir de uma nova leitura, sobretudo se esta desconstrói leituras alicerçadas no solo do preconceito⁸”. Portanto, considero essencial discutir o pensamento e a escrita modernas de Olavo Bilac, encontrar seus fundamentos, seus princípios, aporias e contradições. Para além da vida de imprensa, objeto de estudo de minha dissertação, intitulada ‘Bilac, sem poesia’, as crônicas selecionada para a tese versam sobre a cidade e seus habitantes – palco e protagonistas do teatro da modernidade - fragmentos dessa perspectiva bilaquiana pouco explorada.

É a percepção da ruptura entre tempos que escavo e rastreio no estudo das crônicas de Olavo Bilac, o que o torna um porta voz da modernidade – periférica e conservadora - que

⁸ SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.113.

chegava ao Brasil. É preciso observar, através dos textos analisados, como cotidianamente se deu esse processo de modernização - que traz o sentimento de modernidade-, quais as repercussões de mudanças físicas da urbe e comportamentais de seus habitantes. E, também, é possível verificar como o imaginário da cidade foi dessa forma gestado pelas elites intelectuais do país. É, acima de tudo, escavar e recordar o passado, como nos ensina Walter Benjamin na tese três do artigo “Sobre o conceito da história”, ao afirmar que: “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”⁹.

A leitura atenta de dezenas de textos selecionados aponta para outra realização deste trabalho: estudar as crônicas como artífices da renovação da prosa na virada do século XIX para XX. Entendo aqui a crônica - para tanto me guio em estudos como os de Antonio Candido, Raúl Antelo e David Arrigucci - como texto indissociavelmente ligado à imprensa e

⁹ BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política** – ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.223

que transita entre a ordem do subjetivo e do factual. Mais do que um gênero híbrido, como se costuma afirmar, a crônica, misto da literatura com o jornalismo, constitui-se mesmo como uma passagem entre ambos os territórios. Representa, nas palavras de Ana Luiza Andrade, "uma forma moderna industrial, comparável à da fotografia, na passagem da literatura canônica para o jornal. O tempo de um movimento registrado numa página de jornal economiza-se, fragmenta-se, industrializa-se nas crônicas"¹⁰. Por um lado incorporou características do jornalismo que se constituía como empresa-imprensa, por outro se configurou como um espaço onde opinião e nuances literárias eram bem-vindas.

Sendo a crônica uma das escrituras da modernidade, torna-se também um lugar de experimentação para autores como Bilac, que puderam ali desenvolver novas formas de expressão e compreensão. O resgate dezenas de crônicas de Olavo Bilac valoriza uma vasta produção literária que foi praticamente esquecida por quase um século de indiferença e, ainda, possibilita rastrear o impacto que a modernização e os ideais de modernidade produziram na sociedade e no imaginário

¹⁰ ANDRADE, Ana Luiza Britto Cezar de. **Transportes pelo olhar de Machado de Assis**: "passagens entre o livro e o jornal". Chapecó: Grifos, 1999 p.11

daquelas gentes que viviam o limiar dos séculos. Não é tarefa fácil, mas fascinante; é tentar "penetrar nos significados produzidos no passado, acessar o que era inteligível por determinados códigos que hoje se revelam incompreensíveis; procurar ver porque certos textos do passado continuam a ter sentido no presente"¹¹. É encontrar-se frente a frente com uma tarefa legada por Bilac, que assim se referia aos seus textos publicados em periódicos:

À crônica, pois! Estes comentários leves, que duram menos ainda do que as estafadíssimas rosas de Malherbe, não deitam abaixo as instituições, não fundam na terra o império da justiça, não levantam nem abaixam o câmbio, não depravam nem regeneram os homens: escrevem-se, lêem-se, esquecem-se, tendo apenas servido para encher cinco minutos da monótona existência de todos os dias. Mas, quem sabe, talvez muito tarde, um investigador curioso, remexendo esta poeira tênue da história, venha achar dentro dela alguma coisa....¹²

A idéia que se realiza é uma inserção tanto na época

¹¹ PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p.21.

¹² BILAC, Olavo. Diário do Rio. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 03/10/1897. In: DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: crônicas. v.2. op. cit., p.227

quanto nos textos, colocando-os como uma tensão problematizadora, ou seja, lendo através das crônicas outras significações da vida social – a Capital Federal e seus habitantes - ao mesmo tempo que é estudado o momento em que se constituiu um novo modo de escritura. Ainda que o termo ‘crônica’ seja muito anterior ao período a ser analisado e se confunda com a própria história da literatura, vindo até os dias de hoje em constante transformação, o objeto a que se refere este estudo é o texto que conformou de forma particular o encontro da literatura com o jornalismo.

Na virada dois séculos XIX para XX a simbiose entre os fazeres jornalísticos e literários acontecia de forma contundente e, ao limitar a pesquisa nesse período, ressalto sua relevância dentro da história da literatura, da imprensa e da constituição do Brasil moderno. Ao colocar em destaque as mutações urbanas, as inovações tecnológicas, a vida política organizada na frágil democracia que se iniciava, a figura do cidadão, entre outros aspectos, penso que é possível entender esse passado que influencia de forma cabal a ‘modernidade’ que vivemos. É um momento fundamental para seguir o exemplo de Walter Benjamin e estudar o passado não apenas em si mesmo, mas como potência de acontecimentos que hoje podem ser

percebidas ou mesmo que ainda não se realizaram. No pequeno, precioso e intenso texto intitulado ‘Escavando e recordando’, o filósofo alemão nos convida a trazer a luz o que já foi, para entendermos o que somos:

Quem pretende se aproximar do passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.(...) E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho.¹³

É com este olhar que estão sendo analisados e transcritos aproximadamente 80 textos que nunca foram publicados na íntegra em nenhuma obra, exceto em sua moradia primeira, as colunas das folhas para as quais Olavo Bilac escreveu por quase duas décadas. O recorte que propõe esta pesquisa, ao escolher as crônicas que abordam os temas

¹³ Benjamin, Walter. Escavando e Recordando In: **Obras Escolhidas II – Rua de mão única**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. p.239

referentes ao jornalismo, à cidade e a seus habitantes como eixo para a reflexão, não pretende esconder o fato de que também, por sua vez, realiza outro corte, outra categoria reflexiva, outro princípio de classificação.

Os periódicos analisados abarcam praticamente toda a vida de imprensa de Olavo Bilac. Desde as revistas ilustradas A Cigarra (1896) e A Bruxa (1897) até a sofisticada Kosmos (1904), passando por jornais diários publicados entre 1890 e 1908. Dos revolucionários e contestadores Combate e Correio do Povo aos mais 'respeitáveis' e estabelecidos Correio Paulistano, O Estado de S. Paulo e, sobretudo, Gazeta de Notícias, são 18 anos e infindáveis linhas.

Entre centenas de títulos publicados na então capital federal e na emergente São Paulo, os de maior destaque eram a A Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio, O Estado de S. Paulo, Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, entre outros. Os periódicos ainda disputavam espaço com revistas como A Semana, Kósmos, Fon-Fon, Revista Ilustrada, A Careta e muitas mais. Em quase todos encontramos a colaboração do cronista. Mais do que uma profissão, o jornalismo era uma paixão de Olavo Bilac, como

descreveu em texto que lembrou como se desenrolaram suas atividades na imprensa:

Um pobre rabiscador de crônicas principia a escrever uma seção diária, numa folha, por necessidade ou por desfastio; dentro de poucos meses, já a escreve por gosto; e dentro de menos de dois anos, escreve-a por paixão – por uma dessas paixões que são feitas ao mesmo tempo de amor e de hábito, de prazer e de vício, de revolta e de ciúme, - cativo voluntário, que o cativo às vezes amaldiçoa, mas do qual não se quer libertar.¹⁴

Como quase tudo em sua carreira, o início de sua trajetória como jornalista trouxe um paradoxo: começou em São Paulo. Logo ele, que amava e vivia o Rio de Janeiro de forma intensa, apaixonada. Entretanto, em 1887, ao tentar se formar advogado na conceituada faculdade do Largo de São Francisco, o jovem Olavo viu na imprensa sua possibilidade de ganhar pão. Foi no jornal Diário Mercantil, de Gaspar da Silveira, para o qual foi contratado por recomendação do parnasiano Raimundo Correia, que Bilac começou sua colaboração de forma sistemática nos periódicos. Tinha como função resumir o noticiário carioca. De São Paulo ainda envia colaborações para

¹⁴ BILAC, Olavo. Registro. **A Notícia**. 17/09/1906, p2, 1 col. In: SIMÕES JR., A. S. **A sátira do parnaso**. Tese de Doutorado. PPGL. Assis: UNESP, 2001, p.56

a revista *A Semana*, de Valentim Magalhães, que circulava no Rio de Janeiro.

Como mesmo assim o salário não lhe chegava para viver, procurou nova fonte de renda na *Vida Semanária*, de Emiliano Pernetá, onde assumiu a seção literária. Apesar de ser oriundo de uma família de classe média, o estudante já não mais contava com mesada, ao contrário da maioria de seus colegas de estudo. O pai, militar e cirurgião ligado à monarquia, rompeu relações e ajudas pecuniárias por não suportar ver o filho prodígio desistir da carreira de médico, depois de longos cinco anos frequentando o curso. O menino, que aos 15 anos teve que pedir permissão ao Imperador para entrar no ensino superior de medicina, no Rio de Janeiro, nunca se formou. O movimento das ruas tirou-lhe a atenção das lousas.

Depois da malfadada experiência acadêmica em São Paulo, que durou pouco mais de um ano, Bilac voltou ao Rio de Janeiro e continuou seu trabalho nos jornais. Seu ex-colega de medicina, Alcindo Guanabara, conseguiu-lhe uma vaga no jornal abolicionista *Novidades*. Em seguida colaborou também para a *Gazeta de Notícias* e para o *Cidade do Rio*, onde começou publicando versos mas logo foi contratado para a redação,

juntamente com Pardal Mallet e Raul Pompéia. Com esses dois fundou o republicano *A Rua*, de curta duração, sendo publicado apenas de abril a julho de 1889. No periódico, era o responsável pela crítica teatral, publicava poesias e assinava uma coluna de notícias diversas.

Foi assim que de 1887 a 1889 Bilac empenhou-se nas campanhas abolicionista e republicana. Na noite de 15 de novembro participou ativamente da cobertura jornalística que contou à população o que, afinal, estava acontecendo. Foi um dos defensores do novo sistema e relatou em crônica ter passado um dia trabalhoso e rude, ficando “extenuado por doze horas de trabalho contínuo”¹⁵ para poder explicar os acontecimentos da revolução, exercendo o papel de jornalista. O *Cidade do Rio* publicou três edições no próprio dia 15, levando à população “todas as notícias desencontradas, todos os atrapalhados boatos, todas as complicadas surpresas daquela jornada fantástica”¹⁶.

No primeiro ano do novo regime escreveu crônicas para

¹⁵ BILAC, Olavo. *Chronica. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/01/1905. In: DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: crônicas. v.1. op. cit., p.679

¹⁶ *Ibidem*

o Correio do Povo, folha abertamente republicana que circulou de 1889 a 1891 e era dirigida por Alcindo Guanabara. Muitos dos textos nela publicados questionavam a Monarquia, discutiam a República com a finalidade de reunir possíveis adeptos à causa. O jornal, apesar do apoio na implementação do novo regime, teve vida efêmera e já não circulava quando Floriano Peixoto chegou ao poder.

Bilac escreveu regularmente para o Correio do Povo no primeiro ano do novo regime, mas a colaboração foi interrompida porque José do Patrocínio o convidara para ser correspondente do Cidade do Rio na Europa. A profissão de jornalista fazia com que Olavo Bilac realizasse um sonho e ainda ganhasse por isso. O trabalho de correspondente foi realizado de julho de 1890 a março de 1891. Em nota de primeira página a Gazeta de Notícias comentou a viagem.

Segue hoje para Europa, onde vai ser correspondente da Cidade do Rio, Olavo Bilac. Não há no mundo das letras quem não conheça e não tenha apreciado o moço glorioso que em diversos jornais, e ainda ultimamente na *Gazeta de Notícias*, deu as mais brilhantes provas da opulência do seu talento e do seu engenho literário. Vemo-lo partir com a mágoa de quem perde um grande colaborador; mas essa mágoa é em parte suavizada pela certeza

que temos, de que na sua nova posição, aquele espírito brilhante ainda mais se desenvolverá pela convivência com o que de artes e de letras tem de mais requintadamente apurado.¹⁷

Dessa experiência Bilac deixou testemunho em correspondência a Max Fleuiss, a quem convidou para ir a Paris, onde vivia “modestamente, mas com conforto”¹⁸, gastando 700 francos por mês (cerca de 300 mil réis). Nos seus gastos incluía, além de alimentação e hospedagem, teatro, carro de aluguel, enfim, tudo que precisava para se encharcar de *parisina*¹⁹. Afirmava, ainda, que na capital francesa vivia exclusivamente com os ordenados do Cidade do Rio: já era um jornalista profissional. Nessa mesma carta se referiu ao Brasil como “cofraria portuguesa que a generosidade dos povos insiste em chamar país civilizado” e perguntou: “como vai essa terra ignóbil?”. A antipatia em relação à pátria teria sido ainda maior se soubesse o que o esperava no regresso, durante a

¹⁷ Um que parte. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10/07/1890 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

¹⁸ PONTES, Eloy. **A vida exuberante de Olavo Bilac**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944, p.182.

¹⁹ Artur Azevedo, ao comentar o regresso de Bilac, escreveu de forma irônica no Correio do Povo: 'O nosso poeta está seriamente intoxicado, ingeriu pantagruélicas doses de 'parisina', a famosa bebida de que falava Charles Nodier, e agora não há volta a dar-lhe. Se ficar aqui a passear, entre o beco das Canelas e a rua da Vala, morre da pior das nostalgias, a nostalgia de Paris'. Citado por: BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. 4ªed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. p.143

presidência de Floriano Peixoto.

Com a ascensão do “marechal de ferro” ao poder, o cronista que retornou à atividade tão logo chegou ao Brasil, dirigiu fortes ataques ao ditador, através de textos publicados no jornal de Patrocínio e, sobretudo, em *O Combate*, fundado por ele, Pardal Mallet e Lopes Trovão no início de 1892, em oposição a Floriano Peixoto. Vendida a quarenta réis, a nova folha era mais barata que outros periódicos cariocas, como a *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*, que custavam ao bolso do leitor sessenta réis, mas o preço atrativo não resolveu os problemas para edição e a folha durou apenas seis meses.

Com várias colunas de texto e contendo de quatro a seis páginas, sendo as duas últimas de anúncios, *O Combate* tentava cumprir todas as convenções de um grande jornal da época, contando com seções regulares de finanças, política, entretenimento, espaço para “a pedidos”, folhetim no rodapé, além dos editoriais e séries cronísticas estampadas diariamente na primeira página do periódico. Além das crônicas da *Vida Fluminense*, é provável que Bilac fosse ainda o autor da seção *Pelos Teatros*, assinada por Notívago — retomando assim o pseudônimo usado por ele à época da publicação do semanário

A Rua, em 1889. Foi em *O Combate* que Bilac publicou crônicas que o levaram a se desentender com Raul Pompéia, florianista empedernido, tendo a discussão quase terminado em duelo.

As críticas eram endereçadas não só à instituição governo, mas a tudo que estivesse em sua volta também, com ênfase nos jornais ditos florianistas. Como sempre de forma irônica, atacava as folhas que haviam publicado como verdade as supostas afirmações comprometedoras de um sargento que havia sido ferido gravemente na cabeça. Assim ele, Bilac, “como repórter ativo – desculpem a imodéstia – tive a ocasião de interrogar, sobre o caso raro, vários médicos e todos eles são concordes em declarar que o sargento Sylvino no estado em que o descrevem os jornais, não pode ter feito declarações”²⁰, desmascarando a operação perante o público.

“Parnasiano apenas na arte, Bilac teve forte atuação política como jornalista”²¹ e, além de publicar artigos atacando o governo, participou de manifestações populares e até de uma tentativa de contragolpe em abril de 1892. Como consequência,

²⁰ BILAC, Olavo. *Vida Fluminense. O Combate*. Rio de Janeiro, 23/01/1892 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

²¹ COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel: escritores jornalista no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p50

nesse ano foi preso por quatro meses na Fortaleza da Lage. Dessa época deixou testemunho Luiz Murat, que publicou no O Combate a seguinte nota:

Apesar da pilhéria do Sr. Floriano Peixoto, mandando dizer à imprensa que, na declaração de sítio e a suspensão de garantias, excetuava-se a liberdade de imprensa, estão presos e incomunicáveis alguns jornalistas, entre eles os nossos queridos amigos Pardal Mallet e Olavo Bilac, desta folha, e José do Patrocínio, o genial jornalista brasileiro, redator da Cidade do Rio.²²

Solto, voltou ao ofício e chegou a secretário de redação do Cidade do Rio, um posto importante na carreira que exercia. Em biografia publicada no periódico o Álbum, de março de 1893, Guimarães Passos apresentou Bilac como alguém com memória prodigiosa, que lia todos os jornais "com um cuidado extraordinário" e escrevia no "meio do maior barulho"²³, uma boa descrição para um jornalista. Nesse mesmo ano, entretanto, teve que se exilar em Minas Gerais, quando o jornal de Patrocínio foi fechado pelo governo de Floriano Peixoto.

²² Citado por: PONTES, Eloy. **A vida exuberante de Olavo Bilac**, op.cit., p.198

²³ FONTES, Martins. **O collar partido**. Santos: Editora B. Barros e Cia, 1927, p. 188

O exílio não o fez interromper suas atividades de jornalista: enviava crônicas para a Capital Federal, mandando notícias importantes como a do lançamento da nova capital mineira, a primeira cidade projetada do Brasil: Belo Horizonte. Em outra ocasião, de Ouro Preto encaminhou artigo que comentava o lançamento do monumento a Tiradentes, com texto que se tornou mais uma prova de sua condição de jornalista. E mais, de quem buscava um "furo" de reportagem.

Querendo que a Gazeta fosse a primeira a dar do monumento notícia minuciosa e completa, obtive do notável escultor V. Cestari um croquis geral da belíssima obra de arte e uma fotografia fidelíssima da estátua: fica assim a Gazeta habilitada, graças a isso e ao talento do seu primoroso desenhista Belmiro de Almeida, a dar aos leitores uma idéia perfeita do que é esse monumento – o primeiro, talvez, do Brasil, no gênero, com beleza de concepção e sobriedade e perfeição de estilo.²⁴

Voltou ao Rio de Janeiro em 1894, quando o estado de sítio – que só atingia o Distrito Federal – foi levantado. Porém, mal desembarcou na Central do Brasil e foi detido pela polícia

²⁴ Citado por: PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*, op.cit., p. 241

de Floriano Peixoto. Como resultado de sua volta precipitada, acrescentou no seu currículo mais uma semana de cárcere. Ao total foram quatro as vezes em que esteve preso, episódios que provavelmente colaboraram para sua declarada ojeriza à política. Popular e aclamado, além de herdeiro de uma geração que fez com que Sílvio Romero afirmasse que “no Brasil mais do que em outros países, a literatura conduz ao jornalismo e este a política (...) literato é jornalista, é orador e é político”²⁵, estranha que Bilac nunca tenha se interessado por cargos eletivos. Somente anos depois conseguiria entender porquê o governo provisório tinha tanta “má vontade” com a imprensa: “A revolta da criatura contra o criador é uma lei fatal...”²⁶, afirmou, talvez tentando justificar sua própria decepção. Jamais se candidatou a cargo público e evitou o tema em suas crônicas depois da queda de Floriano.

De seu retorno do exílio até 1908, Olavo Bilac conquistou um papel de destaque na sociedade carioca, trabalhando intensamente na imprensa. O intelectual combatente e perseguido pela ditadura florianista saiu de cena e

²⁵ ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Vol.2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1914, p. 865

²⁶ BILAC, Olavo. Chronica. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 08/12/1907. In: DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista: crônicas*. v.1. op. cit., p.857

entrou, junto com grande parte da intelectualidade da época, o defensor da *Belle Époque*, o símbolo da vida literária. Nesse período manteve intensa colaboração na Gazeta de Notícias e no vespertino A Notícia, veículos onde publicou durante mais de uma década²⁷.

Foi o Gazeta de Notícias, dirigido por Ferreira de Araújo, o mais inovador dos jornais da época. Embora tivesse sido um dos grandes jornais da corte, se manteve na transição e se consolidou na República, sendo um veículo literário por excelência, mas ao mesmo tempo popular. Ao ser comandado por jornalistas no lugar de políticos, mostrava como a imprensa brasileira se profissionalizava e ganhava autonomia como categoria, ainda que com todos os problemas decorrentes na estrutura empresarial então implementada. Com a Gazeta, escreveu Machado de Assis, “a leitura impôs-se, a folha cresceu, fez-se homem, pôs casa: toda a imprensa mudou de jeito e de aspecto”²⁸. A trajetória de Olavo Bilac no jornalismo

²⁷ Por 13 anos Olavo Bilac escreveu a coluna Registro, do jornal A Notícia. Entretanto, segundo testemunho do professor Dimas, a falta de condições de armazenamento fez com que todo esse material fosse perdido, ainda que depositado na Biblioteca Nacional, pois se deteriorou a ponto de impedir a pesquisa.

²⁸ Citado por SANTOS, Jeana Laura da Cunha. **Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal**. Tese de doutorado.

está intrinsecamente ligado ao *Gazeta*, onde colaborou durante os 20 anos em que escreveu crônicas.

Em 1897 substitui ninguém menos que Machado de Assis na crônica semanal do jornal de Ferreira de Araújo, obtendo assim sua consagração na vida de jornalista. Ainda que só tenha começado a assinar a coluna a partir de 1903, o “acento pragmático” de suas crônicas é facilmente observado em todos os anos da colaboração, como comprovou Antonio Dimas²⁹, que também apontou para o tom informal, próximo e familiar que o escritor utilizava, estando aí uma pista de sua cumplicidade com o leitor, o que lhe conferia extraordinária popularidade. Em biografia sobre Bilac, Raimundo Magalhães pergunta e responde: “Por que era Olavo Bilac um cronista tão lido, tão comentado, tão apreciado? Pela variedade de assuntos de que se ocupa e elegância de seus escritos, pela boa informação que veiculava e pelo arejamento de sua mentalidade progressista e adiantada”.³⁰

Bilac ampliou as visões do leitor, ao abordar temas tão díspares como a falta de higiene e as emendas constitucionais, a inauguração de um teatro e a prisão de uma quadrilha de estelionatários, entre tantos outros. E, para relatar todos esses assuntos, exercia sua escrita em prosa de forma direta, tão diferente do rebuscado estilo de suas conferências e de sua poesia, dualidade que foi observada por Jeffrey Needell³¹ quando afirma que “na época sua poesia já saíra de moda na França, mas sua prosa estava bem no compasso das novidades”. Paulatinamente o jornalista ganhava espaço e “aos poucos, esvaziava-se sua ‘cabeça cheia de versos’ e no seu lugar organizava-se a responsabilidade pela ‘resenha semanal dos casos’; aos poucos o versos estético cedia lugar á prosa ética, aos poucos, mas nunca de forma absoluta, o jornalista fazia sombra ao poeta”³²

Foi ainda por duas vezes correspondente dos jornais paulistas *O Estado de S. Paulo* (1897-1898) e *Correio Paulistano* (1907-1908), para os quais enviava notícias da Capital Federal. *O Correio* foi o primeiro diário de São Paulo e terceiro de todo

Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p.71

²⁹ DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista: ensaios**. São Paulo: Imesp. 2006, p. 123

³⁰ MAGALHÃES JR. Raymundo. **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974, p.290

³¹ NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite na virada do século**, op.cit., p.234

³² DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista: ensaios**, op.cit., p.124

país e teve longa duração: exatos 109 anos. O periódico nasceu em 1854 em meio a mudanças sociais, políticas e literárias, com a intenção de ser um jornal livre. Quando as crônicas de Olavo Bilac são ali publicadas a República – apoiada desde meados da década de 70 do século XIX – está já consolidada e o jornal é um órgão informativo respeitado.

Já o Estado de S.Paulo, fundado em janeiro de 1875 com o nome de A Província de São Paulo e com base nos ideais de um grupo de republicanos, é o único dos veículos onde Bilac escreveu que continua existindo. Quando a República foi instaurada trocou de nome, que mantém até os dias de hoje. Foi o pioneiro em venda avulsa no país e ao final do século XIX, quando contratou Bilac como correspondente, o Estadão já era o maior jornal de São Paulo, superando em muito o Correio Paulistano. A partir de 1902 tornou-se propriedade exclusiva da família Mesquita.

Além dos jornais, as revistas também foram local de trabalho para o cronista e, mais ainda, outra vitrine para expor seu talento. Já em 1895 teve como seu maior projeto a revista A Cigarra – semanário colorido e ilustrado, do qual Bilac foi o único redator, escrevendo crônicas e notas. Lá trabalhou com o ilustrador português Julião Machado, conhecido desenhista

português que fez sucesso no Brasil, onde inaugurou a era da caricatura a traço, com quem fundou no ano seguinte A Bruxa, em que assinava crônicas usando como pseudônimos diversos sinônimos para diabo.

Surgidas – e encerradas – em anos subseqüentes, as revistas semanais ilustradas A Cigarra (1895) e A Bruxa (1896) marcaram um momento de maturidade das publicações culturais e de variedades, prenunciando alguns dos grandes sucessos do século XX, como a popular O Malho (1902-1954) e Kosmos (1904-1909). Ambas foram importantes por estimular a moderna imprensa ilustrada nacional, já que suas técnicas de impressão e apresentação gráfica nada deixavam a desejar se comparadas às aclamadas revistas européias.

Quase uma década depois e com um discurso completamente diferente, tornou-se cronista da luxuosa Kósmos. Para o texto da primeira edição, quando apresentou a revista, escolheu como tema central o papel dos periódicos na vida da sociedade, enaltecendo a importância desta

imensa e dilatada imprensa de informação, que avassala a terra, dirigindo todo o movimento

comercial, político e artístico da humanidade, pondo ao seu próprio serviço, à medida que aparecem, todas as conquistas da civilização, aumentando e firmando de ano em ano o seu domínio, - e chegando a ameaçar de morte a indústria do livro(...)³³

No mesmo texto apresentou a linha editorial da revista e seus propósitos, no que chama de “programa”, exercendo papel de editorialista³⁴. “Instalado comodamente” nas primeiras páginas da revista, de 1904 a 1908, “comenta o mundo a seu redor, abordando-o genericamente, exortando-o ao progresso, enaltecendo os avanços técnicos, mencionando explicitamente os dirigentes, quando nos louvores, mas calando-se oportunamente, quando na incisão mais funda e decidida”³⁵. Ainda no texto da primeira edição, ou seja, na sua apresentação aos leitores, afirmou que finalmente o Brasil havia entrado numa fase de revitalização, tendo a higiene, a beleza e a arte encontrado quem as introduzisse no país, fazendo “essa lenta e

³³ BILAC, Olavo. Crônica. **Kósmos**. Rio de Janeiro: janeiro de 1904 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

³⁴ O termo é utilizado por Antônio Dimas ao analisar as crônicas escritas por Bilac para a *Kósmos*, nas quais “respondia, ainda que involuntariamente, às atribuições de editorialista, explorando de modo opinativo os assuntos do momento”. In: DIMAS, Antônio. **Tempos Eufóricos** – análise da revista *Kósmos* 1904-1909, op.cit., p. 51

³⁵ Idem, *Ibidem*. p. 51

maravilhosa metamorfose da lagarta em borboleta”³⁶. O cronista explicou, ainda, que era projeto da direção da revista acompanhar todas as mudanças desta regeneração moral e material e que esse fato explicava sua presença naquelas páginas., consciente que era de sua importância como homem de imprensa.

Bilac, crônicas, jornalismo, literatura, transformações. São essas as palavras que num primeiro passar de olhos saltam das páginas desses tantos periódicos. Olhar mais detidamente leva a descobertas intelectuais, descobertas materiais. Novas idéias surgindo ao lado de textos ricos, preciosidades encontradas tanto nas crônicas publicadas como nas recolhidas na Biblioteca Nacional, por vezes quase indecifráveis, por outras quase inalcançáveis.

Mergulhar no vasto acervo de crônicas de Olavo Bilac É como vasculhar um “baú de histórias” em que se guardam, intocadas por vezes, memórias de um passado que não acabou, pois que nos constitui ainda como herdeiros desta imprensa, sejamos jornalistas ou leitores. Ao nos legar escritos que

³⁶ BILAC, Olavo. Crônica. **Kósmos**. Rio de Janeiro: janeiro de 1904 – texto recolhido no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

refletem os traços contemporâneos da vida nas grandes cidades, o cronista nos faz vivenciar fragmentos do que somos. Para quem hoje as lê, as crônicas transparecem momentos como reflexo de um tempo e uma cultura - um mediador simbólico, em um ambiente urbano de eufóricas transformações e vibrante produção cultural. Suas crônicas por vezes apontam e respondem, por outras incitam a subentendidos, reticências, indagações... como as que aqui deixo. Bilac, crônicas, jornalismo, literatura, transformações. São essas as palavras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Luiza Britto Cezar de. **Transportes pelo olhar de Machado de Assis**: "passagens entre o livro e o jornal". Chapecó: Grifos, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras Escolhidas II. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **Magia e Técnica, arte e política** – ensaios sobre a literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. 4ªed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

BROCANELLI, N. **A crônica no Correio Paulistano na segunda metade do século XIX**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. Modernismo – História e Antologia. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 p.377.

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel: escritores jornalista no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DIMAS, Antônio. **Bilac, o Jornalista**: ensaios; crônicas v.1; crônicas v.2. São Paulo: Imesp. 2006.

DIMAS, Antonio (Org.) . **Vossa Insolência**. Crônicas de O. Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FONTES, Martins. **O collar partido**. Santos: Editora B. Barros e Cia, 1927.

LIMA, Alceu Amoroso. **Olavo Bilac – poesias**. Rio de Janeiro: Agir 2ª ed. 1959.

MAGALHÃES JR. Raymundo. **Olavo Bilac e sua época**. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PONTES, Eloy. **A vida exuberante de Olavo Bilac**. Rio de

Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. **Experiências pioneiras de Machado de Assis sobre o jornal**. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

SILVA, Ana Carolina Feracin da. **Entre a pena e a espada**. Literatura e política no

governo de Floriano Peixoto: uma análise do jornal O Combate (1892). Cadernos AEL: literatura e imprensa no século XIX. Campinas, UNICAMP/IFCH/AEL, v. 9, n.16/17, 2002.

SIMÕES JR., A. S. **A sátira do parnaso**. Tese de Doutorado. PPGL. Assis: UNESP, 2001.

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Vol.2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1914.

Crônicas recolhidas no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional

BILAC, Olavo. Crônica. **Kósmos**. Rio de Janeiro: janeiro de 1904

_____. Vida Fluminense. **O Combate**. Rio de Janeiro, 23/01/1892

Um que parte. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10/07/1890

Lista das crônicas recuperadas³⁷

A BRUXA – 21/02/1896, 06/03/1896, 04/09/1896, 18/09/1896, 02/10/1896, 20/11/1896, 27/11/1896, 18/12/1896, 05/02/1897, 05/03/1897.

A CIGARRA – 20/06/1895, 27/06/ 1895

O COMBATE – 24/01/1892, 31/01/1892, 15/02/1892, 11/04/1892

CORREIO PAULISTANO – 03/09/1907, 18/09/1907, 06/11/1907, 18/12/1907, 14/05/1908, 12/07/ 1908

CORREIO DO POVO – 30/01/1890. 06/02/1890

³⁷ Todos esses textos foram recolhidos na Biblioteca Nacional e no Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp., e nunca haviam sido publicados em livro.

O ESTADO DE SÃO PAULO – 07/10/1897, 11/11/1897,
07/01/1898, 11/02/1898, 12/02/1898, 17/05/1899, 08/06/1898,
15/06/1898, 28/06/1898, 19/08/1898

GAZETA DE NOTÍCIAS – 05/06/1890, 11/06/1890, 21/06/1895,
30/10/1895, 05/01/1896, 05/03/1896, 21/11/1897, 01/05/1898,
26/06/1898, 14/08/1898, 25/09/1898, 16/10/1898, 26/02/1899,
28/05/1899, 01/10/1899, 25/02/1900, 04/03/1900, 23/09/1900,
25/11/1900, 24/02/1901, 01/12/1901, 05/01/1902, 09/02/1902,
20/04/1902, 23/11/1902, 17/05/1903, 25/10/1903, 03/01/1904,
24/09/1905, 25/02/1906, 04/03/1906, 06/05/1906, 24/06/1906,
18/11/1906, 17/02/1907, 14/04/1907, 05/05/1907, 16/06/1907,
15/09/1907, 17/05/1908.

KOSMOS – Julho/1905, Janeiro/1906, Fevereiro/1906,
Dezembro/1906, Agosto/1907, Novembro/1907.